

ESTUDOS MARISTAS, N.2

O Irmão Nestor

E A ESPIRITUALIDADE DO CORAÇÃO

ANGELO RICORDI



ESTUDOS MARISTAS, N.2

O Irmão Nestor

E A ESPIRITUALIDADE DO CORAÇÃO

ANGELO RICORDI



2021

Expediente:**Província Marista Brasil Centro-Sul (PMBCS)***Superior Provincial*

Irmão Benê Oliveira

Diretor Executivo

June Allison Westarb Cruz

Diretor de Identidade, Missão e Vocação

José Leão da Cunha

Diretor Memorial Marista

Dyogenes Philippsen Araujo

Colaboradores*Edição e revisão*

Angelo Ricordi

João Luis Fedel Gonçalves

Tradução

Lafayette Megale

Diagramação

Eneo Lage

Lara Pessôa

Dados da catalogação na publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI-PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB 9 /1636

Ricordi, Angelo

R541i
2021 O Irmão Nestor e a espiritualidade do coração / Angelo Ricordi, Província
Marista Brasil Centro-Sul. -- Curitiba, Memorial Marista, 2021.
31 p. : il. ; 24 cm. – (Estudos Maristas; n.2)

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87802-52-7

1. Irmãos Maristas. 2. Católicos – Biografia. 3. Granier, Jean-Baptiste,
1838-1883. I. Província Marista Brasil Centro-Sul. II. Título.

21-073

CDD 23. ed. – 271.79



PT - Por gentileza, ao receber esse livro, digitalize o **QR Code**. Se for do seu interesse, você também poderá avaliar a obra. Obrigado.

EN - When you receive this book, please, scan the **QR Code**. If it is of your interest you can also evaluate this work. Thank you.

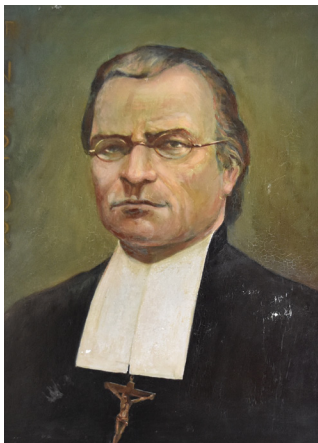
ES - Por gentileza, al recibir este libro, escanea el **QR Code**. Si es de su interés usted también podrá evaluar esta obra. Gracias.

FR - Lorsque vous recevez ce livre, scannez le **QR Code**. Si cela vous intéresse, vous pouvez également évaluer ce travail. Merci.



1. BREVE RELATO BIOGRÁFICO

Irmão Nestor (3º Superior Geral, 1880-1883)



Jean-Baptiste Granier nasceu em 16 de maio de 1838, em Vauvert, no Departamento de Gart (França). Aos 13 anos, em 1851, ingressou na casa de formação dos Irmãos Maristas, em Saint-Paul. A partir da etapa do noviciado, recebeu o nome de Irmão Nestor. Destacou-se por sua grande capacidade intelectual e administrativa. Em 1873, com apenas 35 anos, foi nomeado Assistente e encarregado da Província Marista de Saint-Paul. Depois, em 1880, foi eleito Superior Geral. Estava com 42 anos de idade. No momento em que os Irmãos participantes do Capítulo Geral se aproximavam do novo eleito, para saudá-lo e prestar-lhe obediência, apresentou-se também,

como primeiro da fila, o já ancião Irmão Francisco. Segundo relato dos capitulares o Irmão Nestor se ajoelhou diante do primeiro sucessor do padre Champagnat e pediu-lhe a bênção.

Os Irmãos capitulares elegeram-no porque queriam alguém jovem e preparado intelectualmente, para responder aos desafios crescentes da secularização, que se fazia cada vez mais forte no âmbito educacional, na França. Todavia o seu generalato foi breve, de apenas três anos, e isso frustrou em muito tais expectativas.

Seu governo, curto em anos, teve como principal mérito o incentivo à elevação do nível intelectual dos Irmãos, preparando-os para os desafios da profissionalização e secularização da educação na França. Seu plano de estudos para os Irmãos previa a formação de uma escola de nível superior na Casa Geral, em Saint-Genis-Laval.

O Irmão Nestor faleceu no dia 9 de abril de 1883, dois meses depois de voltar de uma viagem a Roma.

2. CIRCULAR SOBRE A DEVOÇÃO AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS¹

V. J. M. J.

Saint-Genis-Laval, (Rhône), 12 de julho de 1881.

Caríssimos Irmãos,

De todas as devoções que a Igreja nos propõe, a que se refere ao Sagrado Coração de Nosso Senhor é seguramente a mais excelente, a mais eficaz e a mais consoladora. Ela é a mais excelente porque tem pessoalmente Nosso Senhor Jesus Cristo por objeto; ela é a mais eficaz e a mais consoladora, de acordo com as próprias promessas que o divino Mestre se dignou fazer à bem-aventurada Margarida Maria Alacoque, em favor das almas devotas a seu Sagrado Coração.

“Eu lhes darei, disse ele, todas as graças necessárias a seu estado; implantarei a paz em suas famílias; eu os consolarei em todas as suas preces; serei seu refúgio seguro durante a vida e sobretudo na morte; derramarei abundantes bênçãos sobre todos os seus empreendimentos; os pecadores encontrarão em meu coração a fonte e o oceano infinito da misericórdia; as almas túbias tornar-se-ão fervorosas; as almas fervorosas atingirão logo uma grande perfeição; abençoarei as casas em que a imagem de meu Sagrado Coração for exposta e honrada; darei aos sacerdotes o talento de tocar os corações mais empedernidos; as pessoas que propagarem esta devoção terão o nome escrito em meu Coração e ele nunca será apagado”.

Com o objetivo de fortalecer em nós essa preciosa devoção, faço para vocês hoje, meus caríssimos Irmãos, a análise de um discurso excelente que ouvi o ano passado sobre esse assunto interessante. O ensino do eminente pregador me parece adequado à instrução e à orientação da alma na direção do amor e da imitação de Nosso Senhor.

¹ Texto original: CIRCULAIRES DES SUPÉRIEURS GÉNÉRAUX DE L'INSTITUT DES PETITS FRÈRES DE MARIE (1817-1917). T. VI, p. 333-343.

Eu o recomendo a suas mais sérias reflexões. Creio responder a uma necessidade do momento, e minha convicção é de que sua piedade e seu zelo extrairão dele novas forças e um novo alimento. Aliás, conseguiríamos encontrar um objeto mais digno para nossas meditações? *“Eu sou, disse Jesus Cristo, o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai a meu Pai a não ser por mim”* (Jo XIV, 6).

Mas, antes de tudo, o que é uma devoção? Uma devoção é uma tendência particular e determinada da piedade católica, uma forma habitual e definida do culto que sempre caminha na direção de Deus, como a seu termo supremo, mas que chega a ele mediante outro objeto mais próximo de nós, o próprio objeto da devoção, objeto que a distingue e lhe dá nome. Será, por exemplo, uma pessoa para a qual se dirigirão mais espontaneamente as simpatias sobrenaturais da alma: a Santíssima Virgem, o Anjo da Guarda, este ou aquele santo. Será um mistério, um episódio da história do Homem-Deus em que serão depositadas as preferências de nossas recordações. Será um símbolo material, relíquia ou imagem, medalha ou escapulário; poderá ser uma prática determinada, uma oração, uma obra de caridade ou de penitência, mais vinculada à piedade de cada um de nós. Consistirá sempre num costume da alma que atinge Deus por intermédio de um objeto de sua preferência, que não é necessária e formalmente a própria divindade, mas tão mais nobre e útil quanto mais rapidamente ele nos conduzir a Deus porque nos retém mais próximos dele.

Desse modo e logo à primeira vista, podemos perceber a excelência da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Ser devoto do Sagrado Coração de Jesus não é ir habitualmente até Deus pelo que Deus é nele mesmo, mas pelo reflexo de Deus no homem, no que o homem tem de mais surpreendente e de mais amável, que é seu coração? Não seria encontrar Deus num coração semelhante ao nosso, irmão do nosso, que, exceto o pecado, experimentou todas as condições do nosso e a respeito do qual o conhecimento que temos do nosso coração nos permite ler como num livro aberto? Não seria para nos unir a Deus por intermédio de um coração que só existe para a glória de Deus e para nos amar?

Na realidade, meus caríssimos Irmãos, quando praticamos a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, nosso culto dirige-se imediatamente e conduz nossa intenção adoradora primeiro ao Coração natural de Jesus Cristo, órgão físico e vivo que aspira e respira o sangue na humanidade do Deus-Homem. Não é nem metáfora, nem símbolo; é ele, é exatamente ele que nós adoramos primeiro, diretamente, sem intermediários.

Mas, ao fixarmos nosso pensamento, nossa intenção, nossa homenagem no Sagrado Coração, nós não o separamos da indivisível humanidade de Jesus Cristo nem da divindade inseparavelmente unida a essa humanidade três vezes santa; nós a adoramos como ela é, isto é, viva em um homem, no Homem-Deus. Daí, segue-se que, ao adorá-lo, é esse homem, esse Homem-Deus em pessoa que nós adoramos. *“Quando eu aperto a mão de um amigo, diz o Padre Longhayne, eu não abraço sua pessoa inteira, e apesar disso, essa pessoa não se sente acariciada por inteiro, deixando toda a sua alma emocionada? Assim, quando eu adoro o Sagrado Coração de Jesus Cristo, é Jesus Cristo inteiro que eu adoro, toda aquela humanidade imolada, tornada imortal, aquele Verbo que possui, sustenta e diviniza literalmente aquela humanidade no seu todo e em suas partes.”*

Esse é, meus caríssimos Irmãos, um ensinamento claro, dogmático, plenamente racional e totalmente capaz de satisfazer nossa piedade.

O objeto específico da devoção que nos ocupa é o Coração material do Verbo encarnado; o objeto total é o próprio Verbo encarnado. A razão dogmática de nossa homenagem é a encarnação do Verbo, é a união pessoal que faz, para sempre, daquele órgão vivo num homem o próprio Coração de um Deus.

Mas por que nossa adoração se dirige ao Coração do divino Mestre de preferência a sua fronte coroada de espinhos, a suas mãos perfuradas? Por que Jesus Cristo, em suas revelações agora confirmadas pela autoridade da Igreja, ofereceu seu coração às almas piedosas? É que o Coração é o símbolo do amor; é que, sejam quais forem as controvérsias fisiológicas que nos dispensamos de debater, o senso comum, o senso universal da humanidade sempre considerou, não sem razões experimentais, o Coração como o órgão próprio do amor, onde ressoa, em primeiro lugar, a repercussão prazerosa ou dolorosa de tudo o que nos afeta; é que Deus, o Deus das ciências, quando ele decide falar e agir como homem, fala e age de acordo com o senso comum, seguindo o sentimento universal da humanidade. Assim, quando Jesus Cristo nos oferece seu Coração, e quando nós adoramos esse Coração a nós oferecido por ele, é a santa humanidade, é o Verbo encarnado que exige e recebe a homenagem. Mas ele a exige e a recebe como uma resposta muito especial, direta e formal às próprias investidas de seu amor.

Quando nós fazemos algum ato de devoção ao Sagrado Coração, nós adoramos então o Homem-Deus que nos ama: eis a última palavra da fórmula exata que resume tudo.

Mas, além de um objeto definido, perfeitamente racional e teológico, essa devoção tão consoladora ainda nos oferece a mais alta e a mais prática das lições. Escutemos o Coração de Jesus se expressando e analisando a si mesmo: “*Aprendam comigo, diz ele, porque sou doce e humilde de coração*” (Mt XI, 29).

— Qual é seu ensinamento?

— É o da humildade.

Sem dúvida, meus caríssimos Irmãos, essa lição é dirigida a todos os cristãos porque é para todos que Jesus disse estas outras palavras: “*Quem se exalta será rebaixado e quem se rebaixa será exaltado*” (Lc XV, 11). Mas elas parecem se aplicar muito especialmente ao religioso.

Mas que humildade é essa? É a própria humildade do Sagrado Coração de Jesus. Pesquisemos então em que o divino Mestre quer que ela consista.

Se contemplarmos com um olhar especial a vida do Homem-Deus, autêntica expressão de seu Coração, que é que vemos? Um amor superior, que domina e absorve tudo o que pode ter semelhança com o amor a si mesmo. Jesus ama e se entrega. Isso é a humildade em sua verdadeira profundidade. Na verdade, ela possui formas diversas, graus por assim dizer infinitos. No Coração de Jesus, ela chegou até a loucura da Cruz. Mas, desde esse heroísmo da virtude perfeita até a humildade comum, indispensável para a salvação da alma, lembremos que se trata da mesma base, da mesma essência: o amor de Deus e tudo o que ele representa, indo até o desprezo concreto de si mesmo, isto é, até o sacrifício habitual, até a abnegação, até o devotamento integral. Nessas condições, ama-se e se esquece de si mesmo; ama-se e se entrega; ama-se e se sacrifica: aí está a verdadeira humildade, a lição total do Sagrado Coração de Jesus. Será que ela não combina com nossa vocação toda tecida de dedicação? Não tínhamos razão ao dizermos que a humildade compreendida e praticada de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo é a virtude própria do religioso, e de modo particular, do religioso educador?

Está escrito que Jesus Cristo não viveu para seu prazer pessoal. Esforcemo-nos, meus caríssimos Irmãos, para merecer esse elogio e vencer logo em nossa alma o egoísmo e o apetite do prazer pessoal que tornam o homem tão vulgar, servil e baixo. Em uma palavra, sejamos humildes, e lembremo-nos de que não entraríamos nunca no reino dos céus se nosso coração não tivesse essa primeira semelhança com o Sagrado Coração de Jesus (Conf. Mt XVIII, 3).

Então, Jesus pertencia livremente a todo mundo, e beneficiava a todos porque ele não se pertencia mais, tinha passado a desinteressar-se de si mesmo. Em seu país que ele amava, ele, o homem de todos os lugares e de todos os tempos, doava suas preces, seu trabalho, suas lágrimas; devia dar uma parte privilegiada de seu sangue. Aliás, por onde passava, chamava para si todas as misérias das pessoas: *“Venham a mim, dizia ele, todos vocês que sofrem e se sentem sobrecarregados. Eu os aliviarei de tudo”* (Mt XI, 28).

Por onde passava, fazia o bem. Seu coração se consumia, se escorria gota a gota numa inesgotável generosidade. Servo de todos, nem escravo nem bajulador de ninguém, útil, digno, independente, porque era humilde, isto é, porque, livre do egoísmo, não tinha ambição nem medo. *“Estou entre vocês como aquele que serve”*, dizia a seus apóstolos (Lc XXII, 27). *“Meu alimento é fazer a vontade de meu Pai”* (Jo IV, 34). *“Eu não busco minha glória, mas a glória do Pai que me enviou”* (Jo VIII, 50).

Uma vez mais, meus caríssimos Irmãos, essa é a lição do divino Mestre. Vamos escutá-la e constatemos que ela nos diz respeito de modo muito particular. Em todas as coisas, ele quis nos dar o exemplo. Fez-se servo de todos nós para nos ensinar a servir sua causa e a da salvação das almas; fez-se obediente até a morte da cruz para nos ensinar a obedecer constantemente cumprindo sempre cada um de nossos deveres; enfim, ele não buscou a própria glória, mas a de seu Pai, para nos ensinar a procurar a Deus em tudo e sempre. Não nos enganemos, caríssimos Irmãos, e saibamos bem que a gente só se desapega de si mesmo apegando-se a outro; a gente não se entrega a não ser por amor; a gente não se torna humilde a não ser quando o coração se entregou.

— Mas a quem?

— A Deus.

Só então o objeto se situa alto o suficiente, só então a abnegação é nobre o bastante, suficientemente íntegra. Quando nos dedicamos a algo que não é Deus, passamos de uma paixão para outra; na verdade, não estamos nos dedicando a nada. Observemos Jesus Cristo, estudemos seu Coração. É seu Pai que ele ama em seus apóstolos, é seu Pai que ele ama em seu país ingrato; é seu Pai que ele ama nas almas; é seu Pai que ele ama em nós. Essa é a razão pela qual ele se entrega, pela qual ele ama até abnegar-se, até sangrar. É assim também que devemos agir. Amemos a Deus em nossa família e em nossa Congregação, amemos a Deus em nosso país; amemos a Deus em cada um de nossos Irmãos, em cada um de nossos alunos; amemos a Deus nos pobres e nos ignorantes;

amemos a Deus em tudo o que vem dele. Só desse modo, amaremos a tudo isso mais do que a nós mesmos; desse modo seremos dedicados, isto é humildes; saberemos nos entregar, mas só nos entregaremos ao único objeto que é digno dessa entrega. Essa é a humildade verdadeira. Nós só a aprenderemos na escola do Sagrado Coração de Jesus.

O Coração de Jesus não é apenas um objeto de devoção fixo e luminoso. Ele ainda oferece a toda nossa vida sobrenatural, a todo nosso cristianismo prático, a mais nobre das motivações, a orientação mais segura. É o que explicaremos nas linhas seguintes.

Há de fato dois modos de entender o cristianismo. Há almas que, em toda a sua prática habitual, considerando Deus sobretudo como um Mestre, ficam atentas a seus direitos, caminham na senda da justiça, ficam compenetradas em seus medos. Essas almas não ultrapassam sequer, em suas decisões íntimas, a ideia rígida do dever. Todas as preocupações delas, todas as suas ambições sobrenaturais se resumem e se encerram por assim dizer numa palavra: a Salvação. Como agir para me salvar? É esse, mas num sentido estreito e medroso, o questionamento do jovem do Evangelho: “*Que boa obra devo fazer para obter a vida eterna?*” (Mt XIX, 16).

Podemos condenar essa religião pragmática? De modo absoluto, não. Porque o temor do Senhor é o começo da sabedoria (Conf. Sl CX, 10). Porque esse temor, nas almas de que estamos tratando, não é totalmente servil; ele implica um amor imperfeito, mas suficiente. Porém, apressemo-nos em dizer que é perigoso, sobretudo para um religioso, deter-se, sistematicamente, nessa sabedoria inicial. Esse cristianismo, se não lhe acrescentarmos algo mais, se expõe a tornar-se mercenário, jansenista etc. Quando consideramos Deus acima de tudo como um Mestre, facilmente acabaremos procurando meios para contentá-lo o mínimo possível. Aliás, nesse tipo de cristianismo feito só de justiça e de medo, Jesus Cristo tem dificuldade de encontrar um lugar para ele e seu Coração não se encaixa bem em nenhum lugar. Trata-se de uma religião sem entusiasmo e sem calor, uma vida sobrenatural forçada e ansiosa, um gênero de viagem árduo, sempre à beira de abismos, numa situação sem o sol da alegria.

Agora, se dermos a Jesus Cristo o lugar dele, se esse sol de justiça e de vida nascer sobre o vale de nossa peregrinação, se Jesus se mostrar a nós como ele outrora se mostrou à bem-aventurada virgem de Paray-le-Monial, e se ele nos disser como disse a ela: “*Eis aqui o Coração que tanto amou os homens*”, o que acontece então? Tudo continua e, ao mesmo tempo, tudo muda. A Sabedoria inicial subsiste inteira. Deus não é menos Soberano, sua justiça menos exata, sua cólera menos temível, o senso do dever permanece íntegro; a salvação continuará sendo a questão principal. Entretanto, tudo

toma outro rumo, tudo sorri, tudo se ilumina, tudo se aquece sob o raio do céu. Por que será? Ah! É que o amor fez sua aparição no mundo; o amor de Deus se manifestou num coração de homem, a amizade, a amizade fraterna de um Deus que não é perseguidor, diria até nos querendo ganhar com suas iniciativas e nos implorando para voltar, sim, implorando ao mesmo tempo que essa amizade exige com plenos direitos e rigor de justiça. O Mestre fala sempre do alto de seu Sinai e no meio dos raios do trovão: “*Você me adorará e servirá só a mim*” (Lc IV, 8). Mas, como amigo que é, me cochicha na orelha: “*Meu filho, dê-me seu coração*” (Prov XXIII, 26). E eu, o que vou responder a essa voz de um amigo meu, a essa voz lacriméjante, a essa voz do sangue, a essa voz do Coração de um Deus? Ele me amou e se entregou por mim. Será que posso continuar me vendo livre ainda? Minha resposta tem condições de ficar na dúvida? Não. Entre mim e ele, não se trata mais de uma questão de justiça. É um assunto de delicadeza, de generosidade e de alta decência. A grande questão se impõe sempre: O que fazer para me salvar? Mas, esta outra vai completá-la, dominá-la, transformá-la: “*Como retribuirei ao Senhor por todos os bens com que ele me presenteou?*” (Sl CXV, 5).

A partir desse momento, minha religião se purifica, minha vida sobrenatural se embeleza e se reanima; meu cristianismo se ergue e se amplia. Não há mais apenas uma relação de mando e de dependência entre mim e Deus. Não. Há um intercâmbio de procedimentos nobres, uma reciprocidade, uma rivalidade de sacrifícios, um comércio de amizade delicada, abnegação contra abnegação, dedicação versus dedicação, amor por amor.

É essa, meus caríssimos Irmãos, a religião verdadeira, completa, prática e generosa; aí está ela como o Sagrado Coração de Jesus a resume e a propõe. Deploremos os que a ignoram ou a desconhecem, deploremos ainda os que a blasfemam em função de um orgulho estranho e lamentável.

E agora, meus caríssimos Irmãos, lembremo-nos de ter aprendido na escola do Sagrado Coração o devotamento que é humildade prática, e a religião verdadeira que é delicadeza do amor. Vamos nos arrepender, mas vamos fazê-lo cheios de confiança, se nossa vida não se modelou sempre nessas grandes lições, e aproveitemos dos santos exercícios de nossos próximos retiros, que confiaremos particularmente ao divino Coração, para nos revigorarmos nos bons sentimentos de outrora.

Numa visão com que santa Francisca Romana foi favorecida, Nosso Senhor lhe fez ouvir estas palavras encorajadoras: “*Eu sou esse amor que grita em voz alta ‘Se alguém tem sede que venha a mim e beba’ (Jo VIII, 47). Eu quero saciar de bens os que aceita-*

rem este convite; é para isso que abri meu coração, a fim de receber todos os infelizes, todos os que se sentem carentes”.

Ouçamos essa voz de nosso divino Salvador. Ele quer nos locupletar de bens; sua palavra não é enganadora. Somente a prática desses preceitos produz a verdadeira paz. *“Aceite o meu jugo sobre você, diz ele, e você achará repouso para sua alma porque meu jugo é suave e meu fardo é leve”* (Mt XI, 29-30) Nunca desistamos de pedir a compreensão desse conselho. Já experimentamos sua doçura e pudemos exclamar com o piedoso autor da Imitação: *“Feliz aquele que compreende totalmente o que significa amar a Jesus, e desprezar a si mesmo pelo amor de Jesus, porque aquele que abraça Jesus permanecerá inabalável em sua eterna determinação”.*

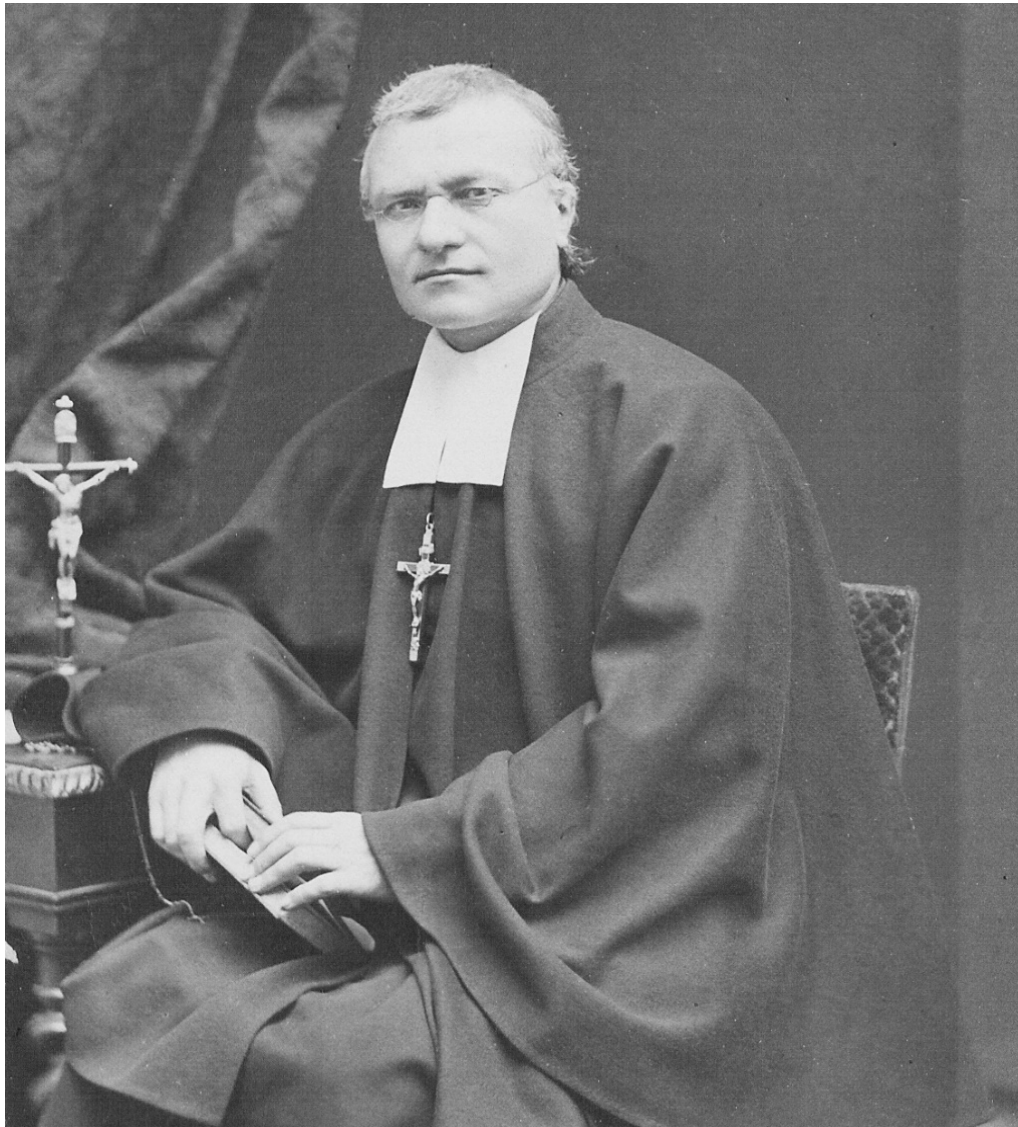
“Apeguemo-nos, portanto, a Jesus na vida e na morte. Entreguemo-nos a esse amigo fiel, o único que pode cuidar de nós quando todos os demais falharem”.

Irmão Nestor (1881)

3. IRMÃO NESTOR:

PRECURSOR DE UMA ESPIRITUALIDADE DO CORAÇÃO?

Angelo Ricordi²



² Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialista em Carisma e Princípios Educativos Maristas. Pesquisador do Memorial Marista (PMBCs).

O Plano Estratégico da Administração Geral para a Animação, Liderança e Governo do Instituto Marista 2017-2025, convida os Maristas de Champagnat a viver a missão e a fraternidade a partir de uma espiritualidade do coração. O Plano fala de uma espiritualidade renovada, integradora, mariana, adaptada aos nossos dias. Uma espiritualidade que nos permita aprofundar nossa experiência de Deus no encontro pessoal com ele e na vida cotidiana. Uma espiritualidade inspirada no apelo do XXII Capítulo Geral: “*Ser o rosto e as mãos de tua terna misericórdia*”.

Ao revisitarmos nossa tradição marista, nos damos conta de que a vivência dessa espiritualidade esteve na experiência pessoal de Marcelino Champagnat e da primeira comunidade fundadora dos Irmãos Maristas. Contudo, os tempos eram outros. Marcelino e os primeiros Irmãos viveram na época em que a mística estava sob suspeita, e o ideal de santidade era consolidado por meio da vivência ascética das virtudes. Com isso, não é possível afirmar que Marcelino e os primeiros Irmãos não viveram uma experiência mística. Há indícios, apesar da tradição ascética, de personagens como os Irmãos Louis, Doroteu e Francisco que, reconhecidamente, eram portadores de uma profunda experiência de Deus em suas vidas.

Do ponto de vista doutrinal, a Circular Espírito de Fé do Irmão Francisco sintetiza, de maneira adequada, um ideal apostólico que nasce e se fundamenta de uma experiência de Deus a partir do coração do ser humano: “*Devemos procurá-lo, sobretudo dentro de nós mesmos, no fundo de nosso coração; pois é lá que Ele mora, no seu santuário para receber nossa adoração e homenagem*” (CIRCULAIRES, T.2, p. 82). Poderíamos afirmar, sem receio algum de anacronismo, que a preocupação do Irmão Francisco ao escrever sobre a espiritualidade é incutir nos Irmãos a necessidade do cultivo da interioridade como experiência profunda da revelação do amor de Deus por nós.

Após a morte do Irmão Luís-Maria (1879), os Irmãos reunidos em Capítulo (1880) vão eleger o Irmão Nestor como terceiro sucessor do padre Champagnat no governo do Instituto. Sobre esse fato, escreve Lanfrey (2015, p.293): “*Em 1880, o Instituto está um tanto cansado da direção autoritária do Irmão Luís-Maria, e não é de estranhar que o Capítulo Geral esteve à procura de um novo homem capaz de enfrentar as dificuldades internas e externas*”. Na tradição marista a contribuição do Irmão Nestor se deu sobretudo na capacidade de esboçar um amplo programa de reforma da congregação frente às leis laicas, em que incluía mais elevado nível de formação intelectual dos Irmãos (CIRCULAIRES, T.6, p. 362-553). Entretanto, com exceção do Irmão Lanfrey (Cadernos Maristas, 2006), nada se escreveu sobre a contribuição doutrinária-espiritual do Irmão Nestor em suas circulares.

O objetivo deste pequeno ensaio é analisar, a partir da Circular sobre a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus, de julho de 1881, a contribuição original e relevante do pensamento teológico e espiritual do Irmão Nestor e demonstrar como este pensamento estava à frente do seu tempo, de tal maneira, que continua ainda hoje, ter sentido e relevância, ao recomendar aos Irmãos a vivência da espiritualidade a partir de uma experiência do coração.

3.1. Breve contexto histórico da Circular sobre o Sagrado Coração de Jesus (12/07/1881)

Em uma Circular de 1872, o Irmão Luís-Maria, ao comentar a morte do Irmão Jean-Baptiste, se queixava do fato de que a literatura espiritual do Instituto era de certa forma negligenciada por parte dos jovens Irmãos: *“Um dia ou outro, esses tesouros de ensinamentos religiosos, esses princípios de perfeição e de salvação, estes segredos de zelo e santidade, serão explorados por nossos Irmãos, para a maior glória de Deus e o maior bem das almas* (Circular, n.104). Segundo Lanfrey (2015, p.253) a biografia do Irmão Jean-Baptiste escrita pelo Irmão Luís-Maria tem por objetivo *“lembrar a grandeza de um homem já pouco conhecido e considerado superado pelas gerações mais jovens”*.

Do ponto de vista eclesiológico, o final do século XIX marca um recrudescimento no diálogo entre Igreja e Estado. O Concílio Vaticano I, sobretudo com a declaração do dogma da infalibilidade papal, aprofunda essa perda de poder temporal, de alguma forma compensada com a declaração dogmática: *“No momento em que perde o poder temporal, o papado vê sua autoridade espiritual fortificada pelo Concílio”* (BRESSOLETTE, 2004, p.1824). É um momento de desconfiança mútua entre Igreja e Estado, o que de alguma forma fortalece uma postura conservadora no contexto religioso. Parte do governo do Irmão Luís Maria poderia ser lido nesta perspectiva.

Com a morte do Irmão Louis-Marie, o contexto político em que o Irmão Nestor chega ao governo do Instituto Marista não é nada promissor para a Igreja e para as escolas católicas da França. Depois de quase duas décadas do governo conservador de Luís Napoleão Bonaparte (II Império)³, os republicanos retomam o poder em 1879. A Igreja pagará caro pela sua simpatia e apoio ao governo anterior: a política anticlerical levará a supressão das congregações em 1903 e culminará na lei da separação da Igreja e do Estado, em 1905.

3 De 1852 a 1860 o regime político na França foi um regime autoritário que progressivamente vai evoluir para a política liberalista. Os republicanos por sua vez, culparão Napoleão III por seu golpe de Estado em 1851 e ao mesmo tempo seu clericalismo até 1860.

São tempos difíceis para as Congregações religiosas, tempos difíceis também para a Santa Sé. É neste contexto de grande instabilidade, que os Irmãos reunidos por ocasião do 7º Capítulo Geral do Instituto, decidem eleger o jovem Irmão Nestor, como terceiro sucessor do padre Champagnat. Se sua eleição, de certa forma marca uma surpresa, suas circulares e a sua ação à frente do Instituto demonstram que a escolha dos Irmãos Capitulares foi bem acertada.

Irmão Nestor escreveu apenas 09 circulares. A grande maioria delas revela a preocupação constante com a rápida mutação do cenário legal do ensino primário na França. Seis de suas Circulares abordarão diretamente esse tema. Entretanto, a Circular de 12 de julho de 1881 sobre o Sagrado Coração de Jesus ressalta uma importância fundamental, não apenas por seu conteúdo, mas principalmente por nos revelar a maneira como o Irmão Nestor se destaca como um profundo conhecedor da espiritualidade cristã e um incentivador de sua vivência prática.

Segue abaixo uma pequena tabela com as circulares e suas temáticas:

Número	Data	Tema
138	12/03/1880	Comunicação da eleição do Irmão Nestor
139	02/07/1880	A luta da escola católica na França*/ Carta ao papa Leão XIII
140	19/03/1881	A Instrução das crianças*/breve biografia do Ir. Francisco
141	05/06/1881	Sobre os Certificados/Diploma dos professores*
142	12/07/1881	Sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus
143	18/11/1881	Principais informações sobre o imposto Brisson (1880)*
144	01/03/1882	Plano de Estudos e Reforma de Ensino Primário dos Pequenos Irmãos de Maria*
145	08/06/1882	Instrução sobre as leis da educação nas escolas municipais. Estratégia: ganhar tempo e resistência passiva*.
146	26/12/1882	Informe sobre a morte do Irmão Felicité. Convocatória do Capítulo Geral e aviso da viagem à Roma.

3.2. Breve contexto teológico da França no final do século XIX

Ao escrever a circular sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, o Irmão Nestor diz: “*Com o objetivo de fortalecer em nós essa preciosa devoção, faço para vocês hoje, meus caríssimos Irmãos, a análise de um discurso excelente que ouvi o ano passado... Um eminente pregador...*” (CIRCULAIRES, T.6, p.334). Infelizmente, só podemos trabalhar na conjectura de que poderia ser o padre George Longhaye, jesuíta e profícuo escritor de temas relacionados à religião, e citado no corpo da circular. De qualquer forma, a pregação ouvida pelo Irmão Nestor se insere dentro de uma mudança significativa pela qual passava a teologia na França.

No livro *Une histoire du sentiment religieux au XIXe siècle*, Guillaume Cuchet defende a tese de que há uma revolução teológica esquecida no final do século XIX na França: trata-se da compreensão da passagem do pequeno para o grande número de eleitos (no sentido de salvos) entre os católicos. Essa compreensão, segundo o teólogo Jean Delumeau ajudou a superar uma pastoral do medo, para uma pregação mais otimista da redenção e salvação cristã. (CUCHET, 2020, p.187).

Outro elemento a ser destacado é a influência de Santo Afonso de Ligori no desenvolvimento de uma teologia moral que vai influenciar os primeiros maristas, de modo mais explícito, o padre Colin que lentamente vai se distanciar da teologia moral de aspecto mais rigorista ensinada no Seminário Maior de Lyon pelo padre Choleton. O padre Bernard Bourtot marca essa passagem a partir do ano de 1841, quando o padre Colin confiará a pregação de vários retiros aos jovens Irmãos ao padre Barthélemy Epalle, que tinha uma compreensão teológica e moral muito mais fundamentada na noção da misericórdia de Deus (BOURTOT, 1999).

Essa mudança na teologia moral e na pregação dos novos padres na França vai contribuir para a abertura às diversas devoções particulares que favorecem a compreensão e a experiência da bondade de Deus, como o rosário, a via sacra, a comunhão frequente e a devoção ao Sagrado Coração de Jesus (CUCHET, 2020, p.203). Tudo isso contribuiu para a evolução da imagem de Deus que durante muito tempo oscilou, ora na aplicação da sua justiça, ora na compreensão da sua bondade. Com Teresa de Lisieux, definitivamente temos a vitória do aspecto da bondade de Deus⁴.

4 Cf. Gerard Cholvy: **Du dieu terrible au dieu d’amour : une évolution dans la sensibilité religieuse au XIX.** In. Transmettre la foi: XVI -XX siècle, t.I: Pastorale et prédication en France, Paris, CTHS, 1984.

Por fim, gostaria de sublinhar outro elemento de grande importância histórica no contexto religioso da França no final do século XIX que foi o retorno de uma literatura sulpicianiana de livros de piedade, sobretudo a partir dos anos de 1850. Essa literatura teve seu pico de produção depois de 1850, coincidindo com o segundo Império. No ano de 1861, de todos os livros produzidos na França, os livros religiosos chegaram a 17,7% de toda produção. Para se ter uma ideia, um relatório de 2003 do Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento, apresenta uma cifra parecida em torno de 18% de livros produzidos no mercado religioso árabe (CUCHET, 2020, p.297). Esses dados nos ajudam entender o ambiente propício, inclusive para uma reflexão sobre a produção da literatura marista no governo do Irmão Francisco e Luís Maria.

Esse crescimento editorial, aliado ao governo conservador de Napoleão III, se dá pelo fato do desenvolvimento de uma literatura marcada pelo retorno da devotio. Esse movimento destina-se, sobretudo àqueles fiéis que querem ir além do simples cumprimento de suas obrigações religiosas. Embora, analisado do ponto de vista religioso, marca uma importante mudança numa crescente interiorização do âmbito da fé que caminha da esfera pública para a prática privada. Tem influência importante neste movimento, o retorno da espiritualidade sulpicianiana, que se manifesta menos severa, e mais sentimental e mística que o rigorismo vivido até então na teologia francesa. É significativo, o retorno da palavra mística, que parece perder as conotações pejorativas do período marcado pelo seu declínio (CUCHET, 2020, p.306-307).

Todos esses elementos, somados ao declínio da imagem do Deus da justiça para a insistência na pessoa de Jesus, na exaltação da Virgem (dogma da Imaculada Conceição) influenciam a convicção da maioria dos católicos que testemunham a magnitude dessa mudança. De tal forma, que também marcará, ainda que forma discreta o magistério marista, por meio da escrita dessa singular circular do Irmão Nestor sobre o Sagrado Coração de Jesus.

3.3. Aspectos teológicos da devoção ao Sagrado Coração de Jesus na França e na Igreja

O contexto teológico em que se desenvolve a devoção ao Sagrado Coração de Jesus está diretamente ligado à crise pela qual passou a França no século XVII. O teólogo João Batista Libânio contextualiza esse cenário como de profunda crise do ponto de vista da sensibilidade religiosa.

Os jansenistas contrapunham a grandeza e a justiça divina diante da miséria e fraqueza humana. A criatura humana, ferida pelo pecado original, era indigna de comungar, de aproximar-se do Sacramento da Eucaristia (SCHNEIDER, 2000, p. 17). Curiosamente, foi quando o jansenismo proclamava seus rigores da justiça divina que surge a devoção ao Coração de Jesus como um antídoto para suscitar nos fiéis um apelo à misericórdia de Deus (FALCADE, 2010, p.10). Assim nos recorda Susin: *“Diante dos exageros do jansenismo, o devoto do Coração de Jesus é convidado a uma ascese moderada, a se centrar decididamente no amor e na misericórdia infinita do Coração de Cristo. O sofrimento e a ascese se integram no amor, e a resposta de amor vem precedida de uma abundância imensa de amor por parte do coração de Deus. A comunhão frequente rompe as obsessões jansenistas, as nove primeiras sextas-feiras do mês revelam que a salvação está mais na união com Cristo do que no esforço da ascese e tornam mais confiante a salvação por iniciativa do amor de Deus. A centralidade do amor de Cristo pela humanidade faz respirar um clima positivo a respeito da condição humana, objeto de tanto amor. É um humanismo* (SUSIN, 1996, p.11-12).

A decisão da Santa Sé, em 1765, de autorizar a celebração da festa do Sagrado Coração de Jesus, deve ser vista como o primeiro sinal de reconhecimento oficial de uma religião sensível tão amplamente ligada ao movimento missionário do século XVIII. O amor de Cristo transforma-se em uma mensagem de esperança (CHÂTELLIER, 1993, p.251-252).

Segundo Libânio (1989) a devoção moderna ao Sagrado coração está ligada diretamente às influências da espiritualidade berulliana com a devoção ao Verbo Encarnado e ao humanismo devoto de São Francisco de Sales no quais os temas da bondade, a maravilha da criação retomavam, de certa forma, traços do franciscanismo em uma linguagem mais acessível ao povo.

As bases teológicas da moderna devoção ao Coração de Jesus as encontramos, sobretudo, em João Eudes (1601-1680) e Margaria Maria Alacoque (1648-1690)

3.3.1 João Eudes

João Eudes, nascido na Normandia em 1601, viveu alguns anos em Paris. Ingressou no Oratório em 1623 e foi ordenado sacerdote em 1625. Deixou o Oratório em 1643 para fundar o seminário de Caen e a Congregação de Jesus e Maria (Eudistas). Foi responsável por fundamentar primeiramente a devoção ao coração de Maria (1648) e, posteriormente, ao coração de Jesus (1672). Morreu em 1680. Foi considerado pai de muitas congregações e doutor e apóstolo do culto litúrgico aos Corações de Jesus e Maria, segundo o Papa Pio XI (DEVILLE, 2003, p.392).

As bases da devoção aos Sagrados Corações de Jesus e Maria na teologia de São João Eudes, as encontramos na escola da espiritualidade berulliana. A teologia de Eudes é marcada pelo cristocentrismo místico de Bérulle e de Condren e, ao mesmo tempo, pela devoção de São Francisco de Sales. Uma característica que o difere da devoção de Santa Margarida Maria Alacoque (1648-1690) é o binômio Coração de Jesus- Coração de Maria, que se insere perfeitamente na escola berulliana: “*Oh, Coração de Jesus vivente em Maria e por Maria! Oh, Coração de Maria vivente em Jesus e por Jesus!*”. Olier (outro representante da escola berulliana) chamará “*o interior de Maria e o interior de Jesus*”. Eudes, por sua vez, traduzirá essa realidade pela palavra *Coração* (DEVILLE, 1987, p. 94).

João Eudes insistirá, portanto, na unidade do Coração de Jesus e de Maria, assim como Olier pedirá aos seus discípulos para invocar a “*Jesus vivente em Maria*”. A grande originalidade de Eudes foi de cristalizar sua oração e a oração popular ao Coração de Jesus e de Maria, utilizando uma palavra e um signo apto a despertar o amor dos cristãos e a contemplação do amor de Jesus e Maria (DEVILLE, 1987, p.96). Percebemos essa mesma unidade nas expressões utilizadas pelo padre Champagnat, sobretudo como conclusão de sua correspondência aos Irmãos. Lanfrey (2001) não exclui a possibilidade da influência de Eudes na temática dos Sagrados Corações de Jesus e Maria em Champagnat, mas prefere ligar mais diretamente com Pierre-Joseph de Clorivière (1735-1820) que, durante a Revolução, funda as Sociedades dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.

Particularmente, sou da opinião de que a influência dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, em Champagnat esteja mais ligada à escola berulliana de espiritualidade, que chega até Champagnat e os primeiros maristas por meio dos Sulpicianos. Todavia, essa hipótese carece de fundamentação mais detalhada. Curiosamente, a Regra de 1837 traz no apêndice de suas orações uma prece de clara influência do Oratório: “***Ó Jesus, vivente no seio de Maria, vinde e vivei em vossos servos. Dai-nos vosso espírito de***

santidade. *Dai-nos a vossa força. Levai-nos pelos caminhos da perfeição e na prática das vossas virtudes...*” (REGRAS DE 1837)⁵. A inclusão dessa oração por Marcelino Champagnat é um forte indício de que a temática não era desconhecida do fundador e dos primeiros Irmãos. A questão é saber se ficou restrita à Olier, ou se avança na perspectiva de uma influência de São João Eudes.

3.3.2 **Margaria Maria Alacoque (1648-1690)**

A Circular sobre a devoção do Sagrado Coração de Jesus do Irmão Nestor faz menção clara à Santa Margarida Maria Alacoque e à revelação por ela recebida no convento de Paray-le-Monial. Por isso, apresentaremos brevemente alguns traços biográficos dessa personagem, bem como o acento próprio da devoção por ela começada.

Margarida nasceu em 1647 em Verosvres, na Borgonha (França). Em 1671, aos vinte e quatro anos, revestiu o hábito das Irmãs da Visitação. Das revelações místicas que teve em Paray-le-Monial originou-se a moderna devoção ao Coração de Jesus. Seu confessor, o padre jesuíta Claudio de la Colombière, contribuiu para a propagação desta devoção.

Com Margarida Maria Alacoque, a meditação trinitária vai se desdobrar em favor do amor de Jesus pelos homens, em especial a ideia de um amor desconhecido e desprezado, que pede um ato de reparação ao fiel que a ele se aproxima. A manifestação de Jesus é um elemento essencial desta espiritualidade: *“Eis o coração que tanto amou os homens, que nada poupou até esgotar-se e consumir-se para lhes testemunhar seu amor, e por reconhecimento não recebe da maior parte deles senão ingratidões”*. Apoiada em seu confessor, Margarida difunde a imagem do Coração de Jesus e pede aos fiéis horas santas de reparação e a consagração das pessoas ao coração de Jesus (CARRAUD, 2004, p.460).

Aos poucos a festa, que era celebrada apenas nas dioceses francesas, foi estendida a todo o mundo católico, em 1856, por decreto do Papa Pio IX. No Instituto Marista essa devoção terá uma boa recepção por parte dos Superiores Gerais. Cinco anos antes, em 1851, o Irmão Francisco consagrou o Instituto ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, em agradecimento ao reconhecimento legal. Em 01 de julho de 1859, escreveu uma circular sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Em mais três ocasiões, o Instituto será consagrado ao Sagrado Coração: em 15 de agosto de 1873, por ocasião do fechamento do VI Capítulo Geral; em 29 de junho de 1883 e em 29 de junho de 1889.

5 Oração rezada pelos Irmãos todos os dias até a reforma litúrgica do Vaticano II, quando se adotou a “Liturgia das Horas”.

3.4. Análise da Circular Sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus⁶

A circular sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus do Irmão Nestor se insere na tradição própria das circulares do Instituto Marista que, até o final do século XIX, eram bastante pragmáticas, uma vez que se tratava da comunicação oficial do Instituto com todos os Irmãos. Por isso, poderíamos afirmar que são híbridas na sua composição, trazem avisos e comunicações oficiais, bem como parte do magistério espiritual dos Superiores gerais para todo o Instituto. Essa tradição foi inaugurada com o fundador, Marcelino Champagnat, que utilizava as circulares para avisos práticos, sem deixar de trazer sínteses importantes sobre a espiritualidade e a missão marista. É também o meio oficial de comunicar o falecimento dos Irmãos, e de alguns mais relevantes, sua primeira biografia.

3.4.1 Prólogo

O texto desta circular começa com uma apreciação sobre a relevância da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Não podemos esquecer, o prestígio constante desta devoção em toda a França e posteriormente fora dela. Em seu prólogo, o Irmão Nestor faz uma distinção importante: “*De todas as devoções que a Igreja nos propõe, a que se refere ao Sagrado Coração de Nosso Senhor é seguramente a mais excelente, a mais eficaz e a mais consoladora. Ela é a mais excelente porque tem pessoalmente Nosso Senhor Jesus Cristo por objeto*” (CIRCULAIRES, T. 6, p.333). É notável o cristocentrismo dessa circular. O objeto sublime da devoção é a própria pessoa de Jesus Cristo. Mais adiante, o Irmão Nestor vai insistir na reflexão sobre a natureza da devoção. Ao trazer as principais promessas de Cristo à Santa Margarida Maria Alacoque, Irmão Nestor centra sua reflexão diretamente na mensagem salvífica desta revelação:

Eu lhes darei, disse ele, todas as graças necessárias a seu estado; implantarei a paz em suas famílias; eu os consolarei em todas as suas preces; serei seu refúgio seguro durante a vida e sobretudo na morte; derramarei abundantes bênçãos sobre todos os seus empreendimentos; os pecadores encontrarão em meu coração a fonte e o oceano infinito da misericórdia; as almas túbias tornar-se-ão fervorosas; as almas fervorosas atingirão logo uma grande perfeição; abençoarei as casas em que a imagem de meu Sagrado

6 Para uma melhor compreensão sobre o contexto da devoção ao Sagrado Coração de Jesus nas origens do Instituto Marista recomendamos a leitura do artigo do Irmão Lanfrey: A confraria dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, em La Valla (1822-1858), publicado no site do Instituto, na seção História Marista: <http://old.champagnat.org/510.php?a=6a&id=4717>

Coração for exposta e honrada; darei aos sacerdotes o talento de tocar os corações mais empedernidos; as pessoas que propagarem esta devoção terão o nome escrito em meu Coração e ele nunca será apagado (idem, p.333-334).

O objetivo é claro, fortalecer nos Irmãos essa importante devoção, que na opinião do Irmão Nestor é uma necessidade clara para o momento em que o Instituto está passando, no sentido de fortalecer nos Irmãos a piedade e o zelo para sua missão. Contudo, não se trata de apenas oferecer aspectos devocionais, mas de refletir profundamente sobre o exercício da própria devoção como forma de crescimento espiritual. Por isso, ele vai insistir na diferenciação desta devoção em relação às demais, e sublinhar a oportuna centralidade desta prática que tem o próprio Cristo por objeto e finalidade:

Ser devoto do Sagrado Coração de Jesus não é ir habitualmente até Deus pelo que Deus é nele mesmo, mas pelo reflexo de Deus no homem, no que o homem tem de mais surpreendente e de mais amável, que é seu coração? Não seria encontrar Deus num coração semelhante ao nosso, irmão do nosso, que, exceto o pecado, experimentou todas as condições do nosso e a respeito do qual o conhecimento que temos do nosso coração nos permite ler como num livro aberto? (idem, p.335).

Há um humanismo devoto ao reconhecer a centralidade da encarnação como meio eficaz e privilegiado de acesso ao coração de Cristo. Mas, há uma profunda relação de interioridade, ao estabelecer o nosso próprio coração como lugar privilegiado de acesso ao Coração de Cristo. Estaríamos aqui nas bases de uma espiritualidade do coração?

A Circular faz menção a uma das grandes críticas jansenistas em relação a essa devoção, não se trata de separar o órgão de Cristo em detrimento da totalidade de Nosso Senhor:

Ao fixarmos nosso pensamento, nossa intenção, nossa homenagem no Sagrado Coração, nós não o separamos da indivisível humanidade de Jesus Cristo... Assim, quando eu adoro o Sagrado Coração de Jesus Cristo, é Jesus Cristo inteiro que eu adoro, toda aquela humanidade imolada, tornada imortal, aquele Verbo que possui, sustenta e diviniza literalmente aquela humanidade no seu todo e em suas partes (CIRCULAIRES, T.6, p.335)

3.4.2 Sobre a natureza da devoção

Há uma importante distinção entre o objeto específico da devoção (o Coração de Jesus) e o objeto total dessa devoção que é o próprio Verbo Encarnado. Dessa maneira, podemos dizer, que o Irmão Nestor recupera a clara conexão desta devoção com a escola berulliana de espiritualidade, que está na base dessa teologia. Mas, há uma correção de natureza prática, que insiste no sensível e que carrega forte carga imagética para o grande público: a relação do coração perfurado de espinhos, como o símbolo de amor oferecido a todos homens que querem dele fazer essa experiência de familiaridade: “...é que Deus, o Deus das ciências, quando ele decide falar e agir como homem, fala e age de acordo com o senso comum, seguindo o sentimento universal da humanidade”(idem, p.336). E conclui esse raciocínio de uma forma clara, mas acessível a todos os Irmãos: “Quando nós fazemos algum ato de devoção ao Sagrado Coração, nós adoramos então o Homem-Deus que nos ama: eis a última palavra da fórmula exata que resume tudo”(idem, p.337).

3.4.3 Uma interpretação criativa em relação à espiritualidade marista

Qual a relação desta devoção com a espiritualidade marista? A aproximação e a síntese oferecida pelo Irmão Nestor são bastante originais: a humildade. Conforme nos adverte Lanfrey (2020) em dois artigos recentes sobre o Espírito do Instituto, o equivalente ao que hoje denominamos espiritualidade marista, o aspecto que se sobressai da natureza do Instituto já havia sido bem detalhado pela Circular Espírito de Fé, do Irmão Francisco:

“Com efeito, o espírito dos irmãos de Maria, seu caráter distintivo deve ser um **espírito de humildade e de simplicidade**, que os leva a exemplo da Santíssima Virgem, sua Mãe e modelo, a ter uma predileção particular pela vida escondida, pelos empregos humildes, pelos lugares e as escolas mais pobres, que os leva a fazer o bem por toda a parte e sempre sem barulho e sem ostentação, que os afeiçoe a um ensino modesto e restrito, porém, sólido e religioso (CIRCULAIRES, T.2, p.21).”

A síntese e o diálogo oferecidos pelo Irmão Nestor da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o espírito do Instituto (espiritualidade) consistem na humildade. Assim afirma o Irmão Nestor: “Mas que humildade é essa? É a própria humildade do Sagrado

Coração de Jesus. Pesquisemos então em que o divino Mestre quer que ela consista. A grande novidade na abordagem ao tema da humildade, é a superação do seu entendimento apenas como virtude sólida, para uma visão mística desta espiritualidade: “*Um amor superior, que domina e absorve tudo o que pode ter semelhança com o amor a si mesmo. Jesus ama e se entrega. Isso é a humildade em sua verdadeira profundidade*” (CIRCULAIRES, T.6, p.337).

3.4.4 O amor como fonte da ação apostólica

A originalidade do Irmão Nestor está em apresentar o exercício ascético, ou o caminho purgativo da espiritualidade, como um verdadeiro exercício de amor:

Ama-se e se entrega; ama-se e se sacrifica: aí está a verdadeira humildade, a lição total do Sagrado Coração de Jesus. Será que ela não combina com nossa vocação toda tecida de dedicação? Não tínhamos razão ao dizermos que a humildade compreendida e praticada de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo é a virtude própria do religioso, e de modo particular, do religioso educador? (idem, p.338)

Integrar essa espiritualidade afetiva com o ofício, por vezes, árido do religioso educador, com uma finalidade claramente apostólica, parece ser o objetivo do Irmão Nestor: “*Por onde passava, fazia o bem. Seu coração se consumia, se escorria gota a gota numa inesgotável generosidade*”. E, servindo-se dos textos bíblicos para fundamentar sua reflexão: “*Estou entre vocês como aquele que serve*”, dizia Jesus a seus apóstolos (Lc 22, 27). “*Meu alimento é fazer a vontade de meu Pai*” (Jo 4, 34). “*Eu não busco minha glória, mas a glória do Pai que me enviou*” (Jo 8, 50).

Utilizando de uma riquíssima psicologia, sustenta que a vida cristã, mas sobretudo a vida religiosa, não se fundamenta num desapego estoico, mas antes, em vista de um amor maior, ao final, todo sacrifício, toda ascese, todo sofrimento e entrega terá por seu objeto último: o amor do próprio Cristo. E mais uma vez, o Irmão Nestor é pedagógico no alcance dos seus ensinamentos: ao convidar os Irmãos a estudarem o coração de Cristo, estabelece o vínculo e a relação do verdadeiro apóstolado:

É seu Pai que ele ama em seus apóstolos, é seu Pai que ele ama em seu país ingrato; é seu Pai que ele ama nas almas; é seu Pai que ele ama em nós. **Essa é a razão pela qual ele se entrega**, pela qual ele ama até abnegar-se, até sangrar. É assim

também que devemos agir. Amemos a Deus em nossa família e em nossa Congregação, amemos a Deus em nosso país; **amemos a Deus em cada um de nossos Irmãos, em cada um de nossos alunos; amemos a Deus nos pobres e nos ignorantes; amemos a Deus em tudo o que vem dele.** Só desse modo, amaremos a tudo isso mais do que a nós mesmos; desse modo seremos dedicados, isto é humildes; saberemos nos entregar, mas só nos entregaremos ao único objeto que é digno dessa entrega. Essa é a humildade verdadeira. Nós só a aprenderemos na escola do Sagrado Coração de Jesus (idem, p. 339-340).

Não há um estudo concreto da influência de Francisco de Sales na formação do Irmão Nestor, todavia sabemos que os livros da espiritualidade salesiana eram recomendados desde o tempo do fundador. Portanto, não é fora de propósito afirmar que o Irmão Nestor, tenha feito uma síntese importante dessa espiritualidade onde Deus é vivido a partir do coração. Para Francisco de Sales, o eixo da vida espiritual está no coração do homem e na sua capacidade de responder a esse amor, que o torna participante do amor de Deus. A perfeição está em tudo fazer por amor (LONGCHAMP, 2004, p.1588).

3.4.5 A originalidade do pensamento espiritual do Irmão Nestor

Toda a argumentação desenvolvida na circular sobre a Devoção ao Sagrado Coração de Jesus tem o seu ápice na práxis e na vivência da espiritualidade cristã. Num tempo que em que a vivência das sólidas virtudes era sinônimo de espiritualidade, o Irmão Nestor vai além, ao demonstrar duas maneiras singulares de viver a religião. A primeira focada na busca da própria salvação:

Há de fato dois modos de entender o cristianismo. Há almas que, em toda a sua prática habitual, considerando Deus sobretudo como um Mestre, ficam atentas a seus direitos, caminham na senda da justiça, ficam compenetradas em seus medos. **Essas almas não ultrapassam sequer, em suas decisões íntimas, a ideia rígida do dever.** Todas as preocupações delas, todas as suas ambições sobrenaturais se resumem e se encerram por assim dizer numa palavra: a Salvação. Como agir para me salvar? É esse, mas num sentido estreito e medroso, o questionamento do jovem do Evangelho: “Que boa obra devo fazer para obter a vida eterna? (Mt 19, 16)” ((CIRCULAIRES, T.6, p.340)

Em sua reflexão, o Irmão Nestor está na vanguarda de um cristianismo vivido como misericórdia e compaixão. Uma religião que supera a máxima do dever, para fazer a experiência da benevolência de Deus. Esse é o grande desafio proposto pelo Evangelho, seja no relato do jovem que pergunta sobre o que fazer para obter a vida eterna, seja no relato da parábola do Pai Misericordioso (Lc 15, 11-32). Na visão do teólogo Pagola essa é a verdadeira tragédia da parábola. De uma espécie de cristãos que nunca abandonaram à Igreja ou a religião, sabem cumprir os mandamentos, contudo não sabem amar (PAGOLA, 2012, p.261). Sobre esse tipo de religião, afirma o Irmão Nestor: *“Trata-se de uma religião sem entusiasmo e sem ardor, uma vida sobrenatural forçada e ansiosa, um gênero de viagem árduo, sempre à beira de abismos, numa situação sem o sol da alegria”* (idem, p.341).

A segunda forma de viver o cristianismo é baseada na graça, no acolhimento da gratuidade do dom de Deus. Há um apelo para a centralidade do encontro com Cristo, entendido como sol de justiça que ilumina a nossa vida e nos proporciona a alegria:

“Eis aqui o Coração que tanto amou os homens”, o que acontece então? Tudo continua e, ao mesmo tempo, tudo muda. A Sabedoria inicial subsiste inteira. Deus não é menos Soberano, sua justiça menos exata, sua cólera menos temível, o senso do dever permanece íntegro; a salvação continuará sendo a questão principal. **Entretanto, tudo toma outro rumo, tudo sorri, tudo se ilumina, tudo se aquece sob o raio do céu.** Por que será? Ah! **É que o amor fez sua aparição no mundo; o amor de Deus se manifestou num coração de homem, a amizade, a amizade fraterna de um Deus que não é perseguidor,** diria até nos querendo ganhar com suas iniciativas e nos implorando para voltar, sim, implorando ao mesmo tempo que essa amizade exige com plenos direitos e rigor de justiça. O Mestre fala sempre do alto de seu Sinai e no meio dos raios do trovão: “Você me adorará e servirá só a mim” (Lc 4, 8). Mas, como amigo que é, me confia ao ouvido: **“Meu filho, dê-me seu coração** (Pro 23, 26)” (CIRCULAIRES, T.6, p.341-342).

O clímax da narrativa de toda a circular está na profunda interpretação que o Ir. Nestor faz da doutrina revelada por Jesus à Santa Margarida Maria Alacoque: o primado da manifestação do amor misericordioso de Deus aos homens. Um amor que se

materializa na devoção de um coração divino que palpita em uníssono com o coração do homem. Que tem como consequência a vivência do cristianismo não mais como dever, mas sob um ângulo novo da misericórdia de Deus. Irmão Nestor propõe, de forma profética, uma espiritualidade do coração, não baseada exclusivamente no dever, mas motivada pela descoberta do amor de Deus no mundo. Essa espiritualidade terá seu apogeu na França com a pequena via de Santa Teresinha do Menino Jesus: “*Jesus não nos pede grandes ações, mas somente o abandono e a gratidão... ele não tem necessidade de obras, mas somente de nosso amor*” (TERESA DE LISIEUX, 2011, p.305).

Outro aspecto importante do magistério do Irmão Nestor é a primazia da graça sobre a ação. De certa forma, suas intuições podem ser contempladas na Exortação Apostólica *Gaudete et Exultate* do Papa Francisco que afirma que não somos justificados pelas nossas obras ou por nossos esforços no caminho da santidade, mas pela graça do Senhor que sempre toma a iniciativa. Que a amizade com Jesus não deve ser comparada com o alcance de nossas obras, mas antes, como um dom, uma iniciativa de amor. Que no meio de uma selva de preceitos e prescrições, existe uma espiritualidade que nos permite ver dois rostos: o do Pai e o do irmão. Não se trata mais de preceitos, mas de contemplação do rosto do Pai em cada irmão, sobretudo nos mais frágeis (Cf. *Gaudete et Exultate*, n.61).

Quando o ser humano descobre essa nova perspectiva de viver o cristianismo, há uma transformação profunda em sua vida, assim observa o Irmão Nestor no final da circular:

A partir desse momento, minha religião se purifica, minha vida sobrenatural se embeleza e se reanima; meu cristianismo se ergue e se amplia. Não há mais apenas uma relação de mando e de dependência entre mim e Deus. Não. Há um intercâmbio de procedimentos nobres, uma reciprocidade, uma rivalidade de sacrifícios, um intercâmbio de amizade delicada, abnegação contra abnegação, dedicação versus dedicação, amor por amor (CIRCULAIRES, T.6, p.342)

Essa mesma perspectiva nos é oferecida pelo Papa Francisco: “*Deixas que seu fogo inflame o teu coração? Se não permites que Jesus alimente nele o calor do amor e da ternura, não terás fogo e, assim, como poderás inflamar o coração dos outros com o teu testemunho e as tuas palavras?*” (Gaudete, n.151).

Ao chegarmos ao fim deste ensaio, podemos observar a relevância desta Circular, infelizmente desconhecida do grande público marista. É possível perceber a originalidade e, ao mesmo tempo, simplicidade de uma espiritualidade profunda que nos é revelada pela interpretação que o Irmão Nestor faz da devoção ao Coração de Jesus. **Estamos diante de um texto de vanguarda do ponto de vista da espiritualidade, e por que não, precursor da espiritualidade do coração?** Ao final, a grande questão acerca da espiritualidade do coração se resume, na visão do Irmão Nestor, a uma vida de intimidade e amizade com Cristo: “*Apeguemo-nos, portanto, a Jesus na vida e na morte. Entreguemo-nos a esse amigo fiel, o único que pode cuidar de nós quando todos os demais falharem*” (idem, p.343).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BRESSOLETTE, Claude. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

CHÂTELLIER, Louis. **A religião dos pobres as fontes do cristianismo moderno sec. XVI -XIX**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

CUCHET, Guillaume. **Une histoire du sentiment religieux au XIX siècle**. Paris : Les Éditions du Cerf, 2020.

DEVILLE, Raymond. **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003.

DEVILLE, Raymond. **L'École française de spiritualité**. Paris : Desclée, 1987.

FALCADE, Neusa. **Coração de Jesus: História, cultura e teologia em torno de uma devoção religiosa**. 2010. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

INSTITUT DES FRÈRES MARISTES. **Circulaires des Supérieurs Généraux. T. 2 (1848-1860)** Roma : Maison Générale des Frères Maristes, 1914.

INSTITUT DES FRÈRES MARISTES. **Circulaires des Supérieurs Généraux. T. 6 (1878-1882)** Roma : Maison Générale des Frères Maristes, 1915.

LANFREY, André. **História do Instituto. Da aldeia de Marlhês à expansão mundial (1789-1907)**. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2015.

LANFREY, André. **A Circular sobre o Espírito de fé**. Cadernos Maristas, Roma, n.16, p. 21-49, nov. 2000.

LANFREY, André. **As circulares: testemunhos da tradição espiritual marista**. Cadernos Maristas, n.23. Roma: Instituto dos Irmãos Maristas, 2006.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus: Mateus**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica Gaudete et Exultate**. Sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

SCHNEIDER, Roque. **A Espiritualidade do Coração de Jesus: Ontem e hoje**. S. Paulo: Loyola, 2000.

TERESA DE LISIEUX. **História de uma alma**. Nova Edição crítica por Conrad de Meester. São Paulo: Paulinas, 2011.

SUSIN, Luis Carlos. **Introdução: “Coração de Jesus” uma obra de síntese com sabor patristico**. In: GILLONNAY, B. O humano em Cristo. Porto Alegre: EST Edições, 1996.

